

ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA E DA GUERRA NA UCRÂNIA NA VIDA DOS PORTUGUESES

Síntese dos resultados obtidos

O Observatório da Solidão e o Observatório do Turismo e Hotelaria do ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo desenvolveram e aplicaram a um universo de 500 pessoas de todo o país, entre o final de março e o início do mês de abril, um inquérito que, na sequência de outros anteriores, pretendeu auscultar algumas das consequências que a pandemia e agora também a guerra da Ucrânia provocaram em termos de sentimentos e de comportamentos. Considerando-se que os constrangimentos decorrentes destes dois fenómenos incidem, ou podem incidir, muito especialmente na liberdade de circulação e na segurança das pessoas, privilegiaram-se aspetos relacionados com os sentimentos do quotidiano e, neste contexto, os planos de viagens e férias (a par das eventuais limitações, objetivas ou pressentidas como tais) por poderem representar uma busca de libertação.

A problemática da solidão está subjacente a este estudo na medida em que ela emerge, em grande medida, das vivências subjetivas inerentes aos constrangimentos da vida real e aos autofechamentos pessoais a que estes induzem. As crises profundas da atualidade acabam por proporcionar assim um cenário e um palco propícios à agudização, individual e coletiva, do fenómeno da solidão, sendo curioso todavia perceber que não existe aqui, apesar de tudo, uma relação determinista causa-efeito. É o que demonstram os números obtidos, os quais permitem sobretudo suportar, de forma estrategicamente realista e consequente, políticas setoriais adequadas designadamente no domínio da educação e do desenvolvimento de atividades sociais inclusivas.

1. É interessante constatar que, à partida, 76% dos inquiridos consideram que as restrições em vigor e os recursos disponíveis para prevenção e contenção dos contágios covid são os adequados. Haverá, deste modo, independentemente de tudo o mais, uma aceitação maioritária da necessidade de imposição de restrições à vida normal, o que, significando compreensão, representa igualmente disponibilidade para a aceitação dessas restrições, ainda que não necessariamente resignação.

2. Daí que 63% sintam que perderam tempo de vida, o que não pode ser dissociado da vivência de sentimentos de infelicidade, os quais se exprimem com clareza quando 32% dos respondentes se sentem mesmo mais infelizes do que antes, reconhecendo 69% que dão agora mais importância à vida. Não deixa talvez por isso de ser estimulante que 83% esperem que, no futuro, a vida melhore.

3. À pergunta “se tem possibilidade de fazer férias”, 88% respondem que sim (dos quais 44% exprimem que têm agora mais vontade de o fazer), escolhendo 75% a praia, 35% o campo, 28% a cidade e 21% o próprio lugar onde vivem, o que significa também que muitas pessoas repartirão as férias por vários locais,

com clara predominância para a praia. 32% perspetivam o hotel como local de acolhimento, 25% um apartamento, 11% o campismo/caravanismo, ficando 90% em Portugal e 34% indo em complemento ou exclusivamente para países estrangeiros. O automóvel é aqui o meio de transporte preferido por 47% dos inquiridos, optando 30% pelo avião, 8% pela mota e apenas 1% pela bicicleta. De entre as razões para não viajar destacam-se a falta de condições com a percentagem de 59% de respostas e o medo, com 22%, sobressaindo em ambos os casos a faixa etária dos 41-50 anos, com um total de 30% de respondentes que declaram não ter condições ou ter medo. Das mulheres que não viajam 36% atribui esse facto à falta de condições e 16% ao medo, em contraste, respetivamente, com os 23% e 5% dos homens.

4. Se 38% viajam sobretudo para ter experiências novas, é nas faixas etárias dos 31-40 anos (20%), dos 41-50 anos (24%) e dos 51-60 anos (20%) que se registam os indicadores mais elevados, correspondendo ainda a 66% dos que se encontram empregados, 67% dos que têm ensino superior, sendo 41% pessoas solteiras, 48% casadas ou em união de facto e 10% divorciadas. A busca de experiências novas é representada por 80% de mulheres. Estas percentagens repetem-se com as respostas à pergunta se “viaja para se sentir livre”.

5. No que respeita às repercussões da guerra na Ucrânia, é importante constatar que 96% reconhece que esta tem influenciado as suas vidas, sobretudo em termos psicológicos (34%) e económicos (21%), constatando-se os valores mais elevados nas faixas etárias dos 41-50 anos, respetivamente, com 13% e 18% das respostas nestes itens e dos 51-60 anos, respetivamente, por sua vez, com 8% e 17% das respostas. De entre os casados e em união de facto, aqui, em maioria relativa, 36% afirmam sofrer principalmente em termos psicológicos e 22% em termos económicos. As mulheres sobressaem nas respostas a este tópico ao representarem 48% dos respondentes que padecem sobretudo em termos psicológicos e 26% no terreno económico.

Por último, assinala-se que 64% dos respondentes participaram já em ações solidárias, principalmente no âmbito da doação de bens, dinheiro e/ou serviços.

Porto e ISCET, 16 de maio de 2022

O coordenador do projeto e diretor do ISCET

Adalberto Dias de Carvalho